

Teresa Zaefferer*

Alguma coisa em que acreditar

Quanto tempo vai durar o pós-guerra? Acha que ganharemos o pós-guerra?

Como você acha que faremos isso?

Mais ou menos nos restam uns 10 anos e ainda falta o pior...

Stevie Smith, 1949

Esta breve epígrafe é parte do livro *Las vacaciones* [As férias]. Sua autora é Stevie Smith, pseudônimo de Florence Margaret Smith, escritora inglesa do fim da Segunda Guerra Mundial. Seus textos estão atravessados pela guerra e abordam, principalmente, a reconstrução de um mundo destruído que busca tirar proveito do que resta. A pergunta seria: o que resta depois da destruição? Acima de tudo, como reconstruir sobre o que foi devastado?

Um ensaio de resposta seria que se reconstrói a partir de narrativas, aquelas que permitem contar uma história. Sabemos que, frente ao inevitável da morte, o homem começa a criar contos, relatos, fábulas, mitos, crenças religiosas e outras ficções compartilhadas que permitem criar laços. Ali encontra um substituto, um modo de dar nome à morte e se reconciliar com ela (Freud, 1915/1979a). Literatura, cinema, teatro constroem cenas de infinitas vidas possíveis. De forma velada, o chiste e o humor dão conta de uma verdade que, de outro modo, seria insuportável.

“A transitoriedade” (1916[1915]/1979g) e “Considerações atuais sobre a guerra e a morte” (1915/1979a) são dois artigos que Freud escreve durante a Primeira Guerra Mundial. A “exigência de imortalidade”¹ (1916[1915]/1979g, p. 309) que o homem pretendeu sustentar se rompe, deixando terreno livre para a decepção. A pulsão de morte é aludida nesses trabalhos metapsicológicos, ainda que venha a ser teorizada e formalizada somente em 1920. A guerra materializa a morte, que já não pode ser silenciada, e Freud tenta dar conta da atitude do homem frente a ela: se por um lado a aceita, por outro necessita recusá-la.

Freud começa a teorizar o narcisismo e as vicissitudes pulsionais a partir de Schreber. O caráter obscuro do pulsional com sua transformação no contrário e a volta sobre si mesmo fundamentam um começo de reformulação teórica. O modelo de tons românticos da primeira tópica – um desejo que enfrenta a proibição e o sintoma como formação de compromisso – começa a se mostrar insuficiente para dar conta da compulsão à repetição, do além do princípio de prazer. A Primeira Guerra com seus estragos provoca tal impacto em Freud que a teoria sofre uma reviravolta: a morte adquire protagonismo.

* Asociación Psicoanalítica Argentina.

1. N. do T.: Tradução de P. C. Souza. A tradução da citação está na p. 248 de: Freud, S. (2010). A transitoriedade. Em S. Freud, *Obras completas* (vol. 12, pp. 247-252). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1916[1915])

O impacto traumático produzido pelo encontro com o inevitável, a morte, desperta a primeira reação de transformar a necessidade em contingência, com o famoso “poderia ter sido evitada”. Não é simples retirar a libido de alguma posição, ainda que a realidade mostre que esse objeto se perdeu. Isso é o que torna o luto tão enigmático.

O desmentido é entendido como um mecanismo diante da angústia de castração e aponta para o não reconhecimento da realidade que contradiz uma crença. Crença que em algum momento é necessária. Frente à constatação da diferença sexual anatômica, a criança necessita construir uma teoria que permita desmentir o efeito traumático de semelhante descoberta, para a qual ainda não está preparada. Os povos necessitam narrar uma história que desminta sua origem desafortunada e a troque por um passado vitorioso, o de um herói que os liberte e os salve.

Neste trabalho tentaremos dar conta da função do desmentido como forma de atravessar e narrar alguma história ante a devastação que produz o traumático, que em seu extremo pode estabelecer as bases da crença fanática.

A morte

*A guerra na qual não queríamos acreditar irrompeu, e trouxe a... desilusão.*²

Sigmund Freud, “Considerações atuais sobre a guerra e a morte”, 1915

O grande impacto que a guerra produz é o enfrentamento daquela realidade tão difícil de sustentar: as pessoas morrem. Impacto que paralisa e atordoa, sendo necessário criar teorias para se reposicionar diante dele. É difícil conceber a própria morte; no inconsciente nos comportamos como se fôssemos imortais (Freud, 1915/1979a). A morte do ente querido reflete a nossa própria, e tanto o homem primitivo quanto o neurótico se dedicaram a criar modos culturais e convencionais de desmentir-la como tentativa de mitigá-la.

Assim como o homem sonha para poder seguir dormindo e é o sonho o guardião do dormir, os sujeitos criam histórias, romances para recobrir o desencarnado, o intolerável que necessita ser velado, ainda quando se sabe que se faz isso com algo de falsidade. O sujeito se reconhece nessas histórias, pois lhe permitem se identificar no desamparo e na necessidade de construir um herói como aquele que morre e volta a morrer infinitamente, aquele que sobrevive ao horror.

2. N. do T.: Tradução de S. J. Assmann. A tradução da citação está na p. 82 de: Agamben, G. (2008). *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)*. Boitempo. (Trabalho original publicado em 1998)

Este representa algo de suas próprias verdades ocultas, aquelas que dissimulam os sentimentos contraditórios e repudiados. O ser humano precisa construir ilusões para tolerar a finitude da vida. Estamos nos referindo às dissociações e desmentidos, que possibilitam suportar a vida sem adoecer.

Sabemos por Freud que o sofrimento espreita o aparelho psíquico, e este tende a evitá-lo mediante a repressão, a negação, o desmentido e o repúdio da realidade dolorosa. Depois de um trauma e da retração narcisista, o aparelho tende a livrar-se do inquietante, daquilo que represente essa verdade dolorosa e insuportável.

O conto

Em seu livro *O impostor*, Javier Cercas (2014), escritor espanhol, investiga e reconstrói a *mentirosa história* de vida que Enric Marco contou durante 30 anos e na qual o povo catalão – e, por que não, toda a Espanha – acreditou.

Enric Marco nasce em Barcelona, em 12 de abril de 1921, e chega a ser conhecido como sindicalista espanhol e secretário-geral da Confederação Nacional do Trabalho (CNT) até 1979. Nessa época, começa a contar seu horroroso, mas falso, passado no campo de concentração nazista de Flossenbürg, em 1943. Com essa narrativa, para a cidade de Barcelona, ele se converte em um sobrevivente de semelhante atrocidade. Seu majestoso relato o leva a fazer conferências, a dar entrevistas e a receber condecorações. Chega até mesmo a ser nomeado presidente da Amical de Mauthausen (organização espanhola que reúne sobreviventes espanhóis de campos de concentração nazistas). Marco tinha estado na França durante a Segunda Guerra, mas trabalhando para a indústria de guerra. Foi acusado pela Gestapo de divulgar propaganda comunista, o que o levou a ser preso por uns dias, mas foi absolvido de todas as acusações que lhe foram feitas. O que não foi real é que esteve em Flossenbürg, campo no qual só tinham estado 14 espanhóis.

Cercas investigou a história, fez várias entrevistas com Marco e relata em seu livro os questionamentos éticos que teve antes de decidir escrever sobre um personagem tão destacado. No entanto, ao estudar os discursos de Marco *a posteriori* de ser descoberto, observa neles palavras vagas, ambigüidade e falta de consistência, incongruências que ninguém parece ter percebido na época.

Cercas apresenta Marco como um “herói civil e um campeão da chamada memória histórica” (p. 293). Tenta entender o que aconteceu ali, entre o que os espanhóis necessitavam ver nele, o que Marco representava enquanto sobrevivente do horror e o que os meios de comunicação se encarregaram de criar, como um efeito de “midiopatia” (p. 293). Marco era velho, sobrevivente, antifranquista, com uma memória exagerada não questionada e sedutor. Representava a memória histórica, e os jornalistas se convertiam assim em denunciadores de um passado horroroso, “homenageando através de Marco as vítimas silenciadas pelo franquismo e a democracia posterior” (p. 299). Havia ali uma dívida, e Marco parecia saldá-la, permitindo o encobrimento da cumplicidade com o fascismo. Foram muitos os que construíram um passado fictício para encaixar no presente, querendo se mostrar como os democratas de sempre. Num certo sentido moral, Marco era um impostor, mas em outro sentido, talvez o que interessa aos psicanalistas, ele contou sua história, sua verdade, e todos quiseram fazer parte, de alguma forma, desse horror que atravessou o século XX.

O campo de extermínio de Auschwitz foi para Agamben (1998/2017) um acontecimento indizível, incompreensível e inenarrável. Se a verdadeira testemunha é aquele que foi até o fim, nos deparamos com a impossibilidade de testemunhar. A testemunha seria, por assim dizer, um

impossível, tanto que a palavra Shoá remete a esse acontecimento sem testemunhas. “O campo é, de fato, o lugar em que desaparece radicalmente toda distinção entre próprio e impróprio, entre possível e impossível”³ (p. 95). No traumático, no horror, perde-se o referente. Esse outro que resgata o humano da inermidade, que oferece palavras, se converte no mais depravado perseguidor. É um mais além da morte. Como diz Agamben, nem ao menos havia morte, só fabricação de cadáveres. Esse buraco, esse vazio inominável, remete à castração mais radical.

Mas como se resgata algo do humano se não for através da palavra e da narrativa? A expectativa de sobreviver para contar a outros, torná-los partícipes do vivido no campo de extermínio, era para Primo Levi (1976/2005) uma necessidade imperiosa. Viver para relatar o ocorrido, pôr em palavras, articular uma história.

Em parte, foi isto que Marco fez: contou uma história que desmentia o acontecido, que permitia acreditar no herói, no sobrevivente.

Marco passou de herói a impostor. Construiu um relato que parecia verdadeiro e em que todos precisavam acreditar. Converteu-se em narrador legítimo porque foi testemunha privilegiada, com acesso direto aos fatos. Como sustenta Scavino (2012), “para fazer que certas proposições se convertam em verdade histórica, é preciso dar a elas meios de difusão e propaganda suficientemente poderosos” (p. 218). Exatamente disso se encarregaram fervorosamente os meios de comunicação e os jornalistas. Dono de uma duvidosa memória privilegiada, Marco assombrava a todos com relatos que todos queriam ouvir.

Em *Psicologia das massas e análise do eu*, Freud (1921/1979e) descreve o primeiro poeta épico como aquele que toma o lugar do pai assassinado, inventando um mito heroico – alguém que sozinho, sem ajuda, matou o pai. O herói que surge, por assim dizer, de uma mentira, pois “transmentiu a realidade”⁴ (p. 128), consegue se diferenciar da massa, define seu protagonismo, é um sobrevivente, mas sustentado em um engano. A massa, por sua vez, necessita desse ideal temerário, que sabe enfrentar o poder despótico e liberar os demais. Aqui nos encontramos com a sugestão própria do narcisismo: o líder se converte, ao mesmo tempo, no ideal admirado e temido. Este era Marco: reconhecido e condecorado, espelho no qual todos queriam se ver, portador de uma história que exorcizava a morte e também redimia das culpas compartilhadas.

A massa excitada por estímulos não se questiona sobre verdade ou falsidade; é intolerante, obediente e conservadora, e se consagra ao ideal (Freud, 1921/1979e). Predomina, assim, o influxo sugestivo de contágio.

3. N. do T.: Tradução de S. J. Assmann. A tradução da citação está na p. 82 de: Agamben, G. (2008). *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)*. Boitempo. (Trabalho original publicado em 1998)

4. N. do T.: Tradução de P. C. Souza. A tradução da citação está nas pp. 101-102 de: Freud, S. (2011). *Psicologia das massas e análise do eu*. Em S. Freud, *Obras completas* (vol. 15, pp. 13-113). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921)

O ideal narcisista vem acompanhado de idealização, onipotência e fascínio. A alienação em um discurso (Peskin, 2015) oferece o ganho de pertencimento, com o custo de impedir seu questionamento. Desse modo, o sujeito se empobrece, aferrando-se à própria crença. O idêntico se idealiza, e o diferente se exclui. Terreno fértil para despertar fanatismos, tema que será desenvolvido mais adiante.

Marco produzia este fascínio: uma “boa imagem”, mas, como tal, plana, inquestionável e carente de nuances. A necessidade de desmentir o horror o tornava irrefutável.

Marie Langer (1950) diz que os mitos urbanos são formas de elaboração de situações de angústia coletiva. Diante de uma tragédia, permitem a identificação com a vítima inocente, disfarçando assim os próprios desejos assassinos, que culpabilizam. A persistência desses mitos modernos se explica pela credulidade ingênua que predomina coletivamente. Langer toma de Marie Bonaparte os “mitos de guerra” como aqueles relatos que surgiram e foram acreditados e transmitidos como verídicos depois da guerra.

O horror da guerra ativa também culpas ancestrais, acusações, repreensões – sentimento de culpa que funda suas raízes naquele parricídio, patrimônio filogenético. A culpa e o arrependimento conformam a ambivalência de sentimentos que se apodera dos homens. O estranho, que remete a algo antigo próprio, se aliena e retorna de fora. Esse inquietante se apoia no fato de que o supereu sabe mais do eu que o próprio eu, que pretende ser unívoco, mesmo diante dos desejos assassinos. Em certo sentido, Marco sabia muito a respeito do repudiado que devia ser controlado. Nisso residia seu poder.

O desmentido

Mas a história do Terceiro Reich nos ensinou, entre outras coisas, que o monstruoso reside, não poucas vezes, no “normal”, naquilo que a grande maioria sente como “perfeitamente normal e evidente”.
Alice Miller, 1980

Desmentir e mentir parecem estar atravessados por diferentes mecanismos. Entre as múltiplas acepções de *desmentir*, está aquela que se refere à coexistência de uma contradição: em um mesmo ato se afirma o contrário do que se diz. Implica, portanto, uma cisão do eu, que vê e não acredita no que vê. Em contrapartida, a mentira parece estar mais do lado de um saber: para mentir é preciso saber a verdade que se quer negar, algo mais ligado ao *não querer saber* próprio da repressão. A mentira é uma forma de verdade.

No início da psicanálise, Freud (Breuer & Freud, 1893-1895/1978) já falava de desmentido, relacionando-o a declarações de seus pacientes que evidenciavam o descrédito daquilo que, de algum modo, retornava, mostrando claramente a resistência: “Agora me ocorreu algo, mas evidentemente foi você que o sugeriu a mim”, ou “Sei o que você espera dessa pergunta” (p. 286), ou “É possível que eu tenha pensado isso, mas não posso me lembrar”⁵ (p. 304). São indícios de formas de saber algo e ao mesmo tempo não saber, de repudiar recusando aquele inconsciente insuportável que despontava.

5. N. do T.: Tradução de P. C. Souza. A tradução das citações está nas pp. 393 e 420 de: Breuer, J. & Freud, S. (2016). Estudos sobre a histeria. Em S. Freud, *Obras completas* (vol. 2). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1893-1895)

Em seus desenvolvimentos sobre a sexualidade infantil, afirma que tanto o desconhecimento da função do sêmen quanto a impossibilidade de reconhecimento da vagina levam a criança a construir teorias sobre o que mais lhe concerne: de onde vêm os bebês. Ela supre a falta de resposta a tal questão com a construção de uma narrativa, que lhe permite dar conta da origem sem se comprometer com a percepção que a avassala. A criança também não quer seguir investigando. Sua curiosidade sobre a origem fica abandonada por um tempo, sendo substituída por ficções fálicas, cloacais, orais etc. As teorias sexuais infantis – que repousam, aliás, no desmentido da castração (ausência de pênis na mãe) – se convertem assim em verdadeiros contos infantis necessários (com seu componente de terror) para evitar o terror.

É a teorização do efeito produzido na criança pelo registro da diferença sexual anatômica o que leva ao desmentido da castração. A criança, diante da encruzilhada entre a exigência pulsional (a temida e excessiva excitação autoerótica) e a ameaça de castração (enquanto perigo real e possível), é obrigada a decidir se reconhece o perigo e renuncia à satisfação ou se desmente a realidade e acredita que não há razão para esse medo. Como afirma Adolfo Benjamín (1998), as teorias



sexuais infantis conformam um sistema de crenças, junto com as fantasias originárias e a religião. São construções que surgem com a subjetividade; antes delas, não há sujeito. Por outro lado, o autor observa que o luto pelo assassinato do Pai da horda dá origem à lei, à cultura e à subjetividade humana. O nó argumental de origem é para ele a morte desse Pai com maiúscula, o da horda, assassinato que se ouve no relato de cada caso, e sua presença simbólica produz o sentido da vida.

Em “Considerações atuais sobre a guerra e a morte”, Freud (1915/1979a) se refere ao horror que a guerra produz. A primeira e mais genuína reação seria o desmentido da percepção insuportável. A morte do outro remete a algo tão irrepresentável como a própria morte e também aos sentimentos ambivalentes despertados em relação ao morto (daí que, no idioma castelhano, se fale de parentes do morto como *deudos*, palavra em sua origem hispânica ligada à dívida⁶ que produz a morte). A morte do outro é uma ameaça para a própria integridade egoica, o que leva à construção de cenários fantasiosos que permitem dar um sentido que sustenta a crença na não morte.

Por outro lado, o desmentido também aparece ligado à culpa e ao assassinato. Em *Moisés e o monoteísmo*, Freud (1939[1934-1938]/1980) diz que a fantasia do assassinato do pai, o parricídio, foi repetida na figura de Moisés como uma atuação, e não como uma lembrança. A criação da religião, com a conseqüente veneração de Deus, dá conta de um movimento de desmentido desse assassinato. As representações religiosas demandam crença, estão acima da razão, sustentam-se em pressupostos infundados, são ficções frente às quais o ser humano se comporta “como se”⁷ (Freud, 1927/1979d, p. 28). Devem seu poder ao desamparo inicial e, portanto, à necessidade de acreditar em um todo-poderoso (não atravessado pela castração), em uma providência divina que acalme a angústia assegurando a justiça e prolongando a vida (ou, pelo menos, afugentando a morte) – crenças que são irrefutáveis e indemonstráveis.

Podemos pensar então que toda organização social se apoia numa crença compartilhada que sustenta a coesão, como o modelo religioso. Dardo Scavino (2012), filósofo argentino radicado na França, fala de narrativas políticas e afirma que todo relato político é uma fábula necessária que os confabulados se contam para conservar ou ampliar seu grupo. Em última instância, representam modos de sustentar um laço social. As narrativas são mitos, e o mito é uma maneira de dar forma épica à memória e manter o povo unido.

O temor à morte do pai e também a culpa por seu assassinato convertem os espíritos em demônios malignos que pedem vingança. É diante do cadáver que se constrói a proibição ética do “não matarás” como freio ao ódio escondido atrás da dor pela perda. O mesmo acontece com as promessas religiosas de uma vida melhor no além.

Os desmentidos na criança, no neurótico, no adulto são necessários e constitutivos, como desenvolve O. Mannoni (1969/2006). Uma crença pode ser conservada e abandonada ao mesmo tempo, o que se condensa na famosa frase “Eu sei, mas mesmo assim...”. Para a crença, é preciso crédulos dispostos a repudiar algo, afirmando o oposto. Portanto, o desmentido não implica apenas a contradição, mas a coexistência de opostos.

O desmentido emerge como a defesa necessária frente à angústia de castração e aponta para uma percepção insuportável. Rejeitam-se as conseqüências que tal percepção poderia exercer sobre a crença que até esse momento se sustentava. O desmentido se converte em um modo de pensamento inevitável para suportar o horror da castração, assim como sua versão extrema, a morte.

Retomando *O impostor* (Cercas, 2014), depois do horror da guerra e dos anos fatídicos do

6. N. do T.: A tradução da palavra *dívida* para o espanhol é *deuda*.

7. N. do T.: Tradução de P. C. Souza. A tradução da citação está na p. 264 de: Freud, S. (2014). O futuro de uma ilusão. Em S. Freud, *Obras completas* (vol. 17, pp. 231-301). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1927)

franquismo, o povo se mantém coeso sustentando sua unidade em uma crença compartilhada. A superexposição traumática desperta defesas: a identificação coletiva dá suporte à fusão, a ilusão de não fissura produz sentimentos encorajadores diante da destruição vivida. Assim, o sistema de crenças se edifica para preservar a integridade narcisista do eu (ou do grupo). O ponto de ruptura de tal imagem completa é a ameaça de morte do eu. Marco era o encarregado de produzir essa unidade. Acreditava-se nele, em um sentimento de aderência sem ruptura, sem fissura.

Há uma diferença notável entre dois modos discursivos de acreditar: o “acreditar que”, que admite certa dúvida, e o “acreditar em”, que sustenta esse efeito totalizador e supõe uma entrega ao ideal (Benjamin, 1998). O encontro com a castração, com esse objeto variável, não fixo e predeterminado, assegura o terreno da crença como um poderoso fornecedor de satisfação e desse “único objeto” capaz de obscurecer e dissimular o contingente.

As origens mentirosas

*A vida não é a que a gente viveu, e sim a que a gente recorda, e como recorda para contá-la.*⁸
Gabriel García Márquez, 2002

As origens dos povos e do psiquismo são narradas por mitos, relatos que estabelecem algum ponto de partida em relação à perda de um estado anterior. São ficções de diversos tipos, que sustentam a ilusão de que houve um *paraíso feliz*, sem tensões, de onde em seguida chegaria o desencanto, o conflito. Reconhecida a perda, produz-se a saudade de um estado ilusório de absoluto narcisismo (apoiado na possibilidade de reencontro daquele objeto propiciatório de satisfação sem perda nem limite).

A partir do “Projeto”, Freud (1950[1895]/1989) apresenta a “mentira estrutural” (Peskin, 2016) ao redor da qual se organiza a subjetividade. Nesse caso nos referimos àquela que sustenta a ideia de um objeto perdido da experiência de satisfação, cujo sedimento organiza o desejo e institui o exame de realidade. Freud afirma que o mais variável da pulsão é exatamente seu objeto, mas esse “desencaixe” não é facilmente suportado – paradoxo inevitável e determinante da subjetividade humana.

O desejo, portanto, é construído sobre um engano: reencontrar esse objeto único, estabelecendo as bases da captura especular narcisista da paixão e do fascínio pelo líder, como uma pretensa e falida identidade de percepção, sem que se possa, assim, fazer o luto por esse objeto do instinto.

O desamparo inicial do filhote humano o liga indefectivelmente à assistência alheia, ao salvador que o resgata da inermidade. Cada nova

8. N. do T.: Tradução de E. Nepomuceno. A tradução da citação está na epígrafe de: García Márquez, G. (2003). *Viver para contar*. Record. (Trabalho original publicado em 2002)

situação de vulnerabilidade atualiza esse desamparo, instigando a busca por um pai todo-poderoso que resgate e sustente, mesmo às custas de ficar infantilizado. Desse modo se oferece uma enganosa ilusão de unidade, de um eu sem fissura narcisista, e principalmente a crença em uma única realidade – ilusão que se apoia também na crença compartilhada que produz coesão em um grupo. É sobre a base da crença nesse salvador que se constrói a figura do supereu, que oferece cuidado e proteção em troca de dependência e adesão. O supereu sustenta o ideal narcisista que submete à vontade de um amo; a realidade se achata, pois há somente um discurso imperante.

Em situações que ativam o desamparo inicial, a necessidade de acreditar, ainda que às custas do desmentido, pode estabelecer as bases do fanatismo, depositando em um “herói” de plantão o poder de salvador disfarçado do bem comum. A submissão a um ideal é capaz de enviesar os sentidos e mutilar o pensamento autônomo, produzindo a ilusória e maníaca ficção de pertencimento a uma comunidade de iguais. A alienação em um discurso de poder obtura todo questionamento e empobrece o pensar crítico.

Portanto, a subjetividade humana se estrutura sobre construções mentirosas, e seu signo diferenciador é a capacidade de criar mentiras ou poder mentir. Em sua dupla reciprocidade, quem mente e quem demanda a mentira se complementam. A mentira e o engano são também ferramentas próprias da linguagem e da culturalização (Peskin, 2016).

Cercas (2014) se pergunta como Marco chegou a dirigir a CNT no momento de transição do franquismo à democracia, e responde: “A democracia foi construída na Espanha sobre uma grande mentira coletiva ou sobre uma longa série de pequenas mentiras individuais. Poderia ter sido construída de outra forma? A democracia poderia ter sido construída sobre a verdade?” (p. 234).

A intenção de Cercas não é juntar provas incriminatórias nem mostrar as incongruências, falsificações ou dissimulações que confirmem que “Marco é um impostor”. Cercas interpela o impostor que habita em cada um, que necessita sustentar as próprias crenças sem medir consequências. Nesse sentido, seu trabalho está mais próximo ao da psicanálise, que, sem fazer referência a questões de moralidade ou de denúncia, mergulha na verdade de cada um.

A realidade, então, é aquela que se relata, que se nomeia, que se escreve, que se ficcionaliza. Portanto, sempre nos encontramos com versões dela. Todos nós contamos uma verdade, a própria. Todos somos “impostores”. Apesar disso, muitas vezes queremos sustentar que a nossa é mais verdadeira que outras, pois se apoia em algum discurso de poder que a define como realidade, proclamando assim uma suposta e enganosa unidade. Desse modo, crenças são transformadas em convicções irrefutáveis. A realidade psíquica e a realidade social compartilhada são então geridas com negações, desmentidos, projeções, repressões e outros mecanismos para eludir o insuportável. Nesse sentido, a realidade sempre terá algo de encobridora, pois estará atravessada por fantasias, desejos e temores.

Por isso, encontramos o desmentido produtor de sistemas de crenças compartilhadas, um modo de atravessar o traumático e criar uma narrativa coletiva que reagrupe o fragmentado, e o desmentido como mecanismo fundante do fanatismo e das atrocidades que podem derivar dele.

Do luto

Há várias linhas teóricas que permitem entender a metapsicologia. Uma delas é conformada pelos conceitos de narcisismo, luto e melancolia que Freud introduz em 1914. O narcisismo representa esse período no qual o eu, desinteressado do objeto, se satisfaz a si mesmo em um estado em que

“o mundo exterior não está investido de interesse”⁹ (Freud, 1915/1979f, p. 130), ou se oferecendo ao id para ser amado em lugar do objeto, em versão da segunda tópica (Freud, 1923/1979h). Esses conceitos permitem explicar a reversibilidade especular que se estabelece entre eu, objeto e ideal. Na paixão, na hipnose, no fenômeno de massa, o ideal coincide com o objeto e o eu fica empobrecido, enquanto na exaltação maníaca o eu se engrandece, confundido com o ideal. Tais ficções se apoiam na fragilidade e na reversibilidade própria do narcisismo. São também maneiras de processar a perda do objeto, tentativas de retê-lo se identificando com ele ou projetando-o no outro ameaçador da paranoia. Melancolia e paranoia incipientes. Em todo caso, são modos narcisistas de repudiar o diferente. Freud se refere à incomensurável dor que surge ali, nessa dificuldade de estabelecer a diferença entre uma perda crônica que não cicatriza (mais ligada à melancolia) e a saudade do que se perdeu (mais ligada ao luto).

No entanto, essa imagem compacta é apenas uma ficção, e como tal pode se quebrar facilmente. A perda é inevitável, não há imunidade que garanta o absoluto. O que se perdeu sempre terá algo irrecuperável e, por conseguinte, inominável. Contudo, o ser humano mantém a ilusão do reencontro com um substituto possível, que se adequa a esse objeto perdido, ainda que o que se perdeu tenha um traço que não se possa recuperar nem equiparar. Como diz Miguelez (2010), a ideia de substituição do que se perdeu é apenas uma ilusão narcisista da reversibilidade, da adequação ao objeto. O luto, portanto, implica o reconhecimento e a aceitação do irreversível. A marca que inscreve a perda do que “não é substituível, nem mesmo em sua semelhança, é o que retorna como resto a trabalhar, aberto ao processo de elaboração” (p. 605).

Se a ficção é parte essencial de nossa subjetividade, é porque a realidade como tal está perdida e necessita ser contada e construída. O conflito é parte inevitável de nossa constituição, embora nem sempre tolerado. Portanto, o chamado critério de realidade, muitas vezes, é lábil, dinâmico e contraditório. O eu, em sua função de mediador entre o id e a realidade, é o encarregado do exame de realidade e do pensamento antecipatório. Aspira a uma unidade sempre quebradiça. Tende à síntese, à unificação de seus processos anímicos (Freud, 1933[1932]/1979b). O desmentido e seu complemento, a cisão, as projeções e introjeções, a repressão com seus retornos e, em seu extremo, o repúdio são modos de evitar o conflito que impõe ao eu a realidade ameaçadora.

A psicanálise nos mostra que não se constroem apenas ficções de heróis que redimem e salvam. Há outras por meio das quais o sujeito se encarrega do sofrimento de todos (lembramos o sacrifício por ser o filho de Deus). O masoquismo surge em diversos e variados roteiros,

9. N. do T.: Tradução de P. C. Souza. A tradução da citação está na p. 74 de: Freud, S. (2010). Os instintos e seus destinos. Em S. Freud, *Obras completas* (vol. 12, pp. 51-81). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915)

todos carregados de culpa e paixão mortificante. A entrega sacrificial é outro modo de fanatismo. A gozosa e tentadora submissão a um ideal é algo que circula.

Este trabalho convida a pensar na inevitável tentação – que habita os humanos – de acreditar em heróis messiânicos que vêm para nos salvar, ainda que lhes paguemos com nossa dependência. Não é simples abandonar essas crenças que nos constituem. Somos terreno fértil para sustentar crenças.

Não podemos deixar de pensar que nossa clínica está atravessada pela transferência, como todo vínculo. Por isso, também é terreno fértil para a outorga de poder e os estados passionais que expressam férreas resistências (em suas versões de hostilidade e ódio), resistências que se ancoram, se fixam, em um modo de compulsão repetitiva e passional. Freud (1923/1979h) nos adverte sobre o perigo que corremos como analistas, o perigo de identificação com o ideal, e nos propõe estar atentos à “tentação de desempenhar, ante o paciente, o papel de profeta, salvador de almas, redentor”¹⁰ (p. 51).

Nós, analistas, construímos uma história ficcional de cada pessoa, buscamos as verdades escondidas. A tentativa é de que cada um se descubra e se reconheça nessa deriva, em seus personagens, em suas ficções. Ainda assim, temos de estar atentos ao fato de que, muitas vezes, também nos abrigamos em convicções enganosas, às quais atribuímos valor de verdade absoluta. Nosso desafio será sempre nos reconhecermos ali.

Resumo

A guerra traz consigo a morte. Freud tenta dar conta da atitude do homem frente a ela: a aceita, mas ao mesmo tempo necessita recusá-la. Como reconstruir sobre o devastado? Diante do inevitável da morte, o homem começa a criar contos, relatos, fábulas, mitos, crenças religiosas e outras ficções compartilhadas que permitem criar laços. Modos convencionais, culturais, necessários para desmentir o insuportável. A criança precisa construir uma teoria que permita amortecer o efeito traumático da percepção da diferença sexual. Os povos narram histórias nas quais trocam sua origem desafortunada por um passado vitorioso. O desmentido se converte assim em um mecanismo em face da angústia de castração e aponta para o não reconhecimento da realidade que contradiz uma crença. Este trabalho tentará dar conta da função do desmentido como modo de atravessar a devastação causada pelo traumático.

Palavras-chave: *Trauma, Desmentido, Morte.*

Abstract

War brings with it death. Freud seeks to shed light on man's attitude towards it: he accepts it, but at the same time he needs to disregard it. How can he rebuild on what has been devastated? Confronted with the inevitability of death, people come up with tales, stories, fables, myths, religious beliefs, and other shared fictions that enable them to create bonds. They are conventional and cultural ways which are necessary to disavow that which is unbearable.

A child needs to construct a theory to soften the traumatic effect brought by the perception of the sexual difference. People tell stories where they transform their unfortunate origins into

a victorious past. Thus, disavowal becomes a mechanism to confront castration anxiety and seeks to disregard the reality that contradicts a belief.

This paper will attempt to shed light on the role of disavowal as a means to go through the devastation generated by trauma.

Keywords: *Trauma, Disavowal, Death.*

Referências

- Agamben, G. (2017). *Lo que resta de Auschwitz: el archivo y el testimonio* (E. Castro, trad.). Adriana Hidalgo. (Trabalho original publicado em 1998)
- Benjamín, A. (1998). Creencia y no creencia religiosa: preliminares para una conceptualización metapsicológica. *Revista de Psicoanálisis*, 55(2), 297-308.
- Breuer, J. & Freud, S. (1978). Estudios sobre la histeria. Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 2). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1893-1895)
- Cercas, J. (2014). *El impostor*. Random House.
- Freud, S. (1979a). De guerra y de muerte: temas de actualidad. Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 14, pp. 273-304). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1979b). La descomposición de la personalidad psíquica. Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 22, pp. 53-74). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1933[1932])
- Freud, S. (1979c). Introducción del narcisismo. Em S. Freud, *Obras completas* (vol. 14, pp. 23-329). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (1979d). El porvenir de una ilusión. Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 21, pp. 5-56). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1927)
- Freud, S. (1979e). Psicología de las masas y análisis del yo. Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 18, pp. 67-136). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (1979f). Pulsiones y destinos de pulsión. Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 14, pp. 113-134). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1979g). La transitoriedad. Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 14, pp. 309-312). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1916[1915])
- Freud, S. (1979h). El yo y el ello. Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 19, pp. 13-66). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (1980). Moisés y la religión monoteísta. Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 23, pp. 7-132). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1939[1934-1938])
- Freud, S. (1989). Proyecto de psicología. Em S. Freud, *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., vol. 1, pp. 326-446). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1950[1895])
- García Márquez, G. (2002). *Vivir para contarla*. Diana.
- Langer, M. (1950). El mito del niño asado. *Revista de Psicoanálisis*, 7(4), 389-401.
- Levi, P. (2005). *Entrevista a sí mismo* (M. Luján Leiva, trad.). Leviatán. (Trabalho original publicado em 1976)
- Mannoni, O. (2006). *La otra escena: claves de lo imaginario* (M. Horne, trad.). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1969)
- Migueluez, L. (2010). Duelo y creación. *Revista de Psicoanálisis*, 67(4), 603-608.
- Miller, A. (2009). *Por tu propio bien: raíces de la violencia en la educación del niño* (J. del Solar, trad.). Tusquets. (Trabalho original publicado em 1980)
- Peskin, L. (2015). La violencia de hoy y de siempre. *Revista de Psicoanálisis*, 72(4), 627-644.
- Peskin, L. (2016). Cuando la mentira es la verdad. *La Época*. <https://bit.ly/3bFbNcK>
- Scavino, D. (2012). *Rebeldes y confabulados: narraciones de la política argentina*. Eterna Cadencia.
- Smith, S. (2016). *Las vacaciones* (A. Barba Muñoz, trad.). Antonio Machado Libros. (Trabalho original publicado em 1949)

Recebido: 22/01/2022 – Aprovado: 15/06/2022

Tradução do espanhol: Schirlei Schuster

10. N. do T.: Tradução de P. C. Souza. A tradução da citação está na p. 63 de: Freud, S. (2011). O eu e o id. Em S. Freud, *Obras completas* (vol. 16, pp. 13-74). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923)